

A PROPOSTA DE GINÁSTICA GERAL DO GRUPO GINÁSTICO UNICAMP²

Introdução

O Grupo Ginástico Unicamp tem sido, nas últimas décadas, o veículo de difusão das pesquisas na área da ginástica geral, desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa em Ginástica da Faculdade de Educação Física da Unicamp. Tendo como fio condutor as questões pedagógicas do movimento humano, essas investigações buscam novas possibilidades de utilização da ginástica geral nas aulas de educação física e em programas de GG desenvolvidos em clubes, universidades e associações.

O Grupo Ginástico Unicamp é formado por estudantes universitários e professores de educação física, além de outros profissionais que, durante estes anos, têm levado sua proposta por meio de palestras, cursos e apresentações em inúmeros eventos nacionais e internacionais.

² SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. "A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp". *Anais do I Congresso Latino-Americano de Educação Motora e do II Congresso Brasileiro de Educação Motora*. Campinas, Unicamp, 1998, pp. 27-34.

Formação humana e capacitação: Princípios básicos da proposta

Uma das grandes dificuldades na tarefa educacional tem sido a confusão existente entre a *formação humana* e a *capacitação*, dois fenômenos distintos que permeiam toda ação educativa. Segundo Maturana e Rezepka (1995, p. 11), a *formação humana* "tem a ver com o desenvolvimento do menino ou menina como pessoa capaz de ser co-criadora com outros de um espaço humano de convivência social desejável". Para que isso seja alcançado, é necessário criar condições que orientem e apoiem a criança durante seu crescimento, considerando-a capaz de respeitar a si mesma e ao outro e de fazer as suas próprias escolhas. Dessa forma, a consciência de sua individualidade, identidade e autoconfiança passa a significar o respeito a si mesma e não a oposição ou a diferença em relação às outras pessoas, podendo então colaborar tranquilamente por estar segura de seu espaço no grupo social.

Por outro lado, a *capacitação* "tem a ver com a aquisição de habilidades e capacidades de ação no



mundo em que se vive, como recursos operacionais que a pessoa tem para realizar o que queira vivenciar” (Maturana e Rezepka, 1995, p. 11). Portanto, dentro do processo educativo, a capacitação consiste na criação de espaços de ação, para o desenvolvimento das habilidades desejadas, ampliando as capacidades de se fazer, refletindo sobre esse fazer, como parte da experiência que se vive e que se deseja viver.

Nas orientações baseadas nos aspectos biológicos e neurocomportamentais, a ênfase nas aulas de educação física é dada na *capacitação*, ou seja, na instrumentalização do aluno por meio da apropriação de técnicas. A condição física e o rendimento são as metas principais, e a preocupação com a formação humana, ainda que presente, tem um papel secundário.

Dentro do paradigma socialização/sociabilização que embasa esta proposta, a *formação humana* é privilegiada em relação à *capacitação*, que, mesmo tendo seu espaço garantido, posto que é conteúdo indispensável da educação física, não se sobrepõe ao desenvolvimento dos valores humanos. A *capacitação* é um caminho para a realização da tarefa educacional; ela acontece na prática do fazer, quando esta se dá numa situação de respeito mútuo entre o professor e o aluno. Ela só se confirma como uma capacidade de fazer e refletir

sobre o fazer, quando o processo de aprendizagem ocorre com responsabilidade por aquilo que se faz.

No que diz respeito à *capacitação*, o professor de educação física deve preocupar-se com o desenvolvimento das capacidades biológicas e das habilidades específicas do ser humano, facilitando ao aluno a apropriação de todas as manifestações da cultura corporal que sejam relevantes para a convivência em seu meio físico e social. Para tanto, é de sua competência conhecer com profundidade o desenvolvimento do ser humano, para, assim, poder escolher as atividades adequadas às diferentes faixas etárias. Da mesma forma, deve conhecer as atividades que são relevantes para cada



região à qual o aluno pertence, criando um ambiente de confiança, pleno de estímulos diversificados e adequados a suas características, necessidades e interesses.

O respeito à individualidade de cada pessoa, à sua cultura de origem, aos seus valores e expectativas deve constituir a base do processo educativo, no qual o aluno nunca seja criticado no seu ser, mas sim corrigido no seu fazer, pois, desta forma, terá mais possibilidades de inter-relacionar-se com sucesso, aprimorando o seu próprio ser. Muitas vezes, a apropriação de uma determinada manifestação valorizada pelo grupo facilita a sua integração e o seu reconhecimento como parte desse grupo. Por exemplo, saber dançar o forró, o samba ou uma dança da moda, ou, ainda, numa praia, poder participar de um jogo de voleibol ou futebol.

No aspecto da *formação humana*, a principal atitude do professor deve ser a de ensinar a vivenciar os valores humanos, criando atividades em que o aluno tenha a oportunidade de experienciar a cooperação, a responsabilidade, a amizade, a solidariedade, o respeito a si próprio e aos demais etc. O professor deve ter claro que esses valores não são para ser exercidos no futuro ou na vida adulta, mas agora, no presente, já que o futuro é uma incógnita, e não temos o direito de oferecer aos nossos alunos, como futuro, a nossa visão de presente. Maturana e Rezepka (1995, p. 10) aprofundam essa ideia quando em seu texto declaram acreditar

[...] que o futuro deve surgir dos homens e mulheres que viverão no futuro. Homens e mulheres que deveriam ser íntegros, autônomos e responsáveis por seu viver e por aquilo que fazem, pois o fazem por si mesmos; homens e mulheres sensíveis, amorosos, conscientes de seu ser social e de que o mundo em que vivem surge com seu viver.

Nesta visão, o professor tem papel relevante na vivência de valores significativos para o ser humano, tais como: a criatividade, o respeito às normas e leis do grupo e da sociedade como um todo, o espírito crítico, a honradez, a afetividade, a liberdade e a disponibilidade para estar a serviço do grupo, entre outros.

É possível destacar alguns pontos importantes que norteiam a concepção de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp, ancorada nos princípios de *formação humana e capacitação*:

- o incentivo e a valorização do indivíduo em benefício do grupo;
- o conteúdo utilizado parte das experiências individuais, socializadas a fim de servirem de base para a exploração de todo o grupo;
- a liberdade na utilização dos conteúdos da cultura corporal;
- o resgate dos valores culturais de cada grupo social;
- o prazer na atividade (ludicidade);
- a promoção da cooperação e da participação;
- a experimentação de diferentes formas de organização social;
- o estímulo à autossuperação e à criatividade;
- a possibilidade de participação de todos os membros da sociedade (criança, adultos, idosos, deficientes etc.);
- a discussão crítico-superadora das diferentes manifestações da cultura corporal que sejam utilizadas;
- o aumento da interação social;
- a demonstração das composições como produto final do processo educativo;
- a elaboração e o respeito às normas, às regras e aos regulamentos criados pelo grupo.

Conceituação e conteúdos da ginástica geral na visão do Grupo Ginástico Unicamp

Na proposta desenvolvida pelo Grupo Ginástico Unicamp, a ginástica geral é entendida como

[...] uma manifestação da cultura corporal que reúne as diferentes interpretações da ginástica (natural, construída, artística, rítmica desportiva, aeróbica etc.), integrando-as com outras formas de expressão corporal (dança, folclore, jogos, teatro, mímica etc.), de forma livre e criativa, de acordo com as características do grupo social e contribuindo para o aumento da interação social entre os participantes. (Souza e Gallardo, 1997, p. 35)

Consideram-se *conteúdo* da ginástica geral os elementos da cultura corporal que constituem as seguintes formas de expressão corporal e que podem ser apropriados de acordo com o interesse e a necessidade do grupo:

- *as ginásticas*: artística, rítmica, acrobática, natural, localizada, aeróbica, trampolim acrobático etc.;
- *as danças*: populares, contemporâneas, folclóricas etc.;
- *os esportes*: individuais e coletivos;
- *as lutas*: karatê, judô, esgrima, capoeira etc.;
- *os jogos e brincadeiras*: populares, pré-desportivos, folclóricos etc.;
- *elementos das artes musicais*: dentre eles a utilização do pulso, da melodia e a interpretação das emoções que a música inspira;
- *elementos das artes cênicas*: encontrados no teatro, no circo, na mímica etc.;
- *elementos das artes plásticas*: utilização e construção de aparelhos, vestuário, cenários, instrumentos musicais etc.;
- *experiências de vida*: são as experiências que o aluno adquire em seu próprio meio ambiente;

como exemplo podemos citar uma situação em que uma criança do campo, sabendo utilizar o laço, possa ensinar essa habilidade aos outros.

Maturana e Rezepka (1995, p. 19) reforçam esse aspecto quando afirmam que “aquilo que as crianças são e sabem ao ingressarem no espaço escolar não deve ser desvalorizado. Ao contrário, deve ser usado como ponto de partida valioso sobre o qual se construirá o seu futuro”.



Figura 1. Conteúdos da ginástica geral na proposta do Grupo Ginástico Unicamp.

Ao utilizar-se dos movimentos constitutivos dessas variadas formas de expressão do ser humano, não se está preocupado com a perfeição da técnica, com o resultado a ser atingido ou com o cumprimento de suas regras, mas sim em facilitar a sua apropriação, utilizando-se do maior número possível de alternativas de expressão corporal, que sejam relevantes e que façam parte de seu universo cultural. Desta forma, o indivíduo enriquecerá seu repertório de movimentos, numa proposta que valoriza o prazer da atividade física, respeita as características individuais e facilita a interação social.



A utilização dos aparelhos tradicionais da educação física, assim como de materiais adaptados da natureza ou da fabricação humana, é bastante incentivada, pois, além de ser um meio de interação social (principalmente com aparelhos de grande porte que requerem várias pessoas para movimentá-lo), é altamente motivante e facilita o desenvolvimento da criatividade ao empregar os recursos que seu meio físico e social oferece.

Deve-se oferecer ao aluno uma ampla vivência das possibilidades de movimento a fim de que, após esta fase de aquisição, aprendizagem, troca, embasamento, expansão do vocabulário de movimentos e do conhecimento como um todo, o próprio indivíduo possa optar por especializar-se em uma determinada modalidade, com fins competitivos ou não, ou ainda integrar as experiências vividas, criando novas formas de prática do movimento.

A metodologia utilizada pelo Grupo Ginástico Unicamp

A metodologia que orienta a proposta tem como principal objetivo proporcionar o aumento da interação social, através do trabalho grupal, no qual cada um dos participantes contribui com as experiências e habilidades que melhor domina e

que podem ser úteis para o trabalho do grupo. Desenvolvida ao longo de todos estes anos de trabalho com a ginástica, a metodologia que utilizamos pode, para efeito didático, ser dividida em duas partes: uma destinada ao aumento da interação social e à vivência e à exploração das possibilidades de movimento e a outra direcionada para a utilização e a exploração dos recursos que o material proporciona.

Aumento da interação social e vivência de movimentos

1. Desenvolvimento e aperfeiçoamento das habilidades individuais, a fim de aumentar os recursos a serem socializados, selecionando os movimentos conhecidos pela maioria e que permitem atingir o que chamamos de *criação de uma linguagem comum de movimentos*. Uma das formas que utilizamos são os deslocamentos grupais com gestos esportivos e imitativos da vida cotidiana, em que o professor executa inicialmente alguns modelos de movimentos que são conhecidos por todos. Alcançada a compreensão dessa ideia, formam-se pequenos grupos nos quais os monitores são os próprios alunos que se revezam.



2. Intercâmbio de experiências entre os alunos, em que são utilizadas diferentes formas de organização grupal. Inicia-se aos pares, passando a seguir para trios, quartetos, grupos de oito, até um grande grupo que, de acordo com a idade e a experiência dos alunos, pode chegar a 10, 12, 15 ou mais integrantes. Nessa fase, utilizamos atividades variadas, como, por exemplo: sombra, espelho, irmãos siameses, cardume etc.
3. Alcançada a estrutura grupal, exploramos diversas formas coreográficas, tais como: formações em linhas retas, curvas e combinadas; formações em círculos, triângulos, quadrados etc.
4. Utilização das experiências de movimento individuais e coletivas dentro das formas coreográficas descobertas.

Exploração dos recursos de materiais tradicionais e/ou adaptados

1. Exploração dos recursos próprios do material, como, por exemplo, a bola de futebol, a de basquetebol, a de tênis, com os movimentos próprios de sua modalidade esportiva.
2. Exploração do material utilizando-se de movimentos característicos de outras modalidades

esportivas, como, por exemplo, bolas de diferentes esportes em diferentes jogos, brincadeiras, danças etc.

3. Exploração de elementos das artes cênicas, como, por exemplo: interpretar uma determinada situação do cotidiano usando os materiais como parte da cena ou do figurino.
4. Exploração de elementos das artes plásticas, como, por exemplo: na construção de cenários, aparelhos ginásticos improvisados etc.
5. Exploração de materiais que o meio oferece, como, por exemplo, bambus gigantes, câmaras de pneu, caixas de refrigerantes, na construção de aparelhos ginásticos, em jogos, em danças etc.

Estratégias

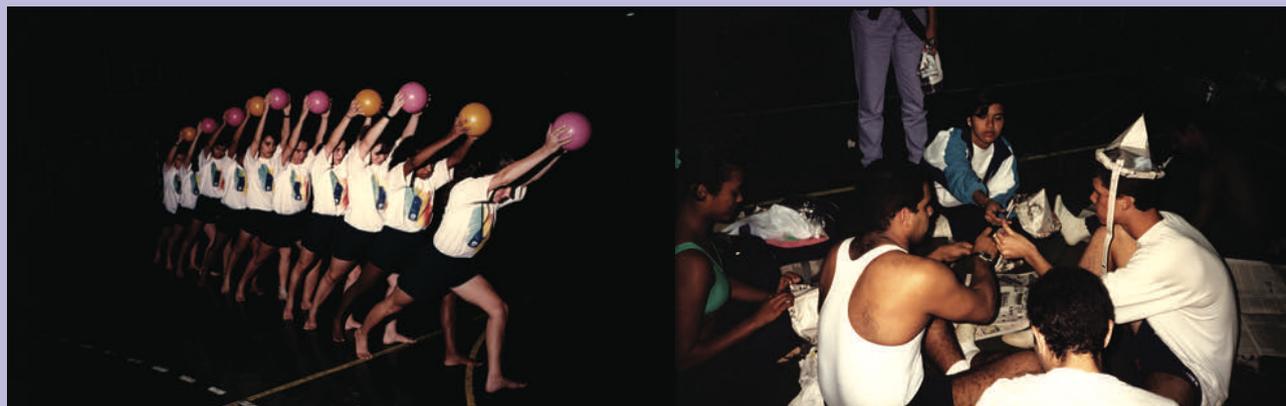
Para motivarmos os descobrimentos individuais e grupais, de acordo com as características, necessidades e expectativas dos integrantes do grupo, utilizamos as variáveis do movimento, em cada uma das formas de organização grupal e das formas coreográficas elaboradas, tais como:

1. Utilização dos mais variados ritmos musicais, explorando o pulso da música, como, por exemplo: caminhar no pulso da música, na metade do pulso, no dobro do pulso etc.; a melo-

dia e a interpretação das emoções que a música inspira.

2. Utilização das possibilidades de amplitude do movimento, como, por exemplo: passos curtos, longos, curtos e longos etc.
3. Utilização de deslocamentos em diferentes direções: para frente, para trás, para os lados, em linhas curvas, retas, combinadas etc.
4. Utilização de diferentes posições do corpo: em pé, sentado, deitado, em quatro apoios etc.
5. Utilização das variações do centro de gravidade do corpo: baixo, médio, alto.
6. Utilização de variáveis de expressão corporal ou expressões afetivas, como, por exemplo: executar um movimento com alegria, tristeza, raiva etc.
7. Utilização de imitações (teatralização) de personagens, animais, atividades esportivas, atividades profissionais etc.
8. Utilização de diferentes expressões culturais, como, por exemplo: dança (clássica, popular, folclórica, entre outras), teatro, mímica, jogos, lutas etc.
9. Utilização dos movimentos característicos das diferentes modalidades ginásticas (artística, rítmica, aeróbica, acrobática etc.).

É interessante a escolha de aparelhos que exijam a participação e a cooperação de vários alunos. Após a passagem pelas etapas indicadas na metodologia, os alunos são orientados para que façam um trabalho de síntese, utilizando, dentre os elementos descobertos por eles, os mais significativos. O professor supervisiona o trabalho, podendo sugerir mudanças que venham a enriquecer e/ou a facilitar a execução da composição. O resultado de todo o processo de construção da composição coreográfica deve ser apresentado, mesmo que apenas para os próprios integrantes do grupo. Caso haja interesse e possibilidade, poderá ser mostrado à comunidade escolar ou em eventos culturais e/ou esportivos fora da escola. A demonstração é uma das características fundamentais da ginástica geral, pois consolida o trabalho grupal refletindo o esforço coletivo, e reforçando a sensação de pertencer a um grupo que, ao mostrar-se, busca o reconhecimento de seus pares. Esse trabalho conjunto expressa as expectativas, a percepção de mundo e os valores de seus integrantes, e, ao ser apresentado, torna-se uma ótima oportunidade de avaliação, transformação e superação.

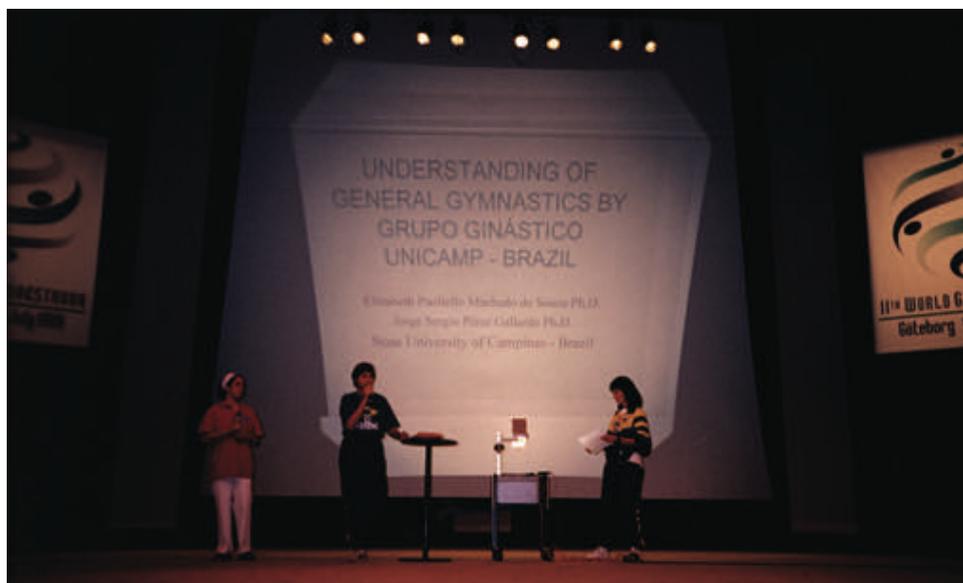


Bibliografia

- AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (orgs.). *Coletânea: Textos e sínteses do I e do II Encontros de Ginástica Geral*. Campinas, Gráfica Central-Unicamp, 1997.
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE GYMNASTIQUE. *General Gymnastics manual*. Moutier, 1993.
- GALLARDO, Jorge Sergio Pérez e SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. "A proposta de ginástica geral do Grupo Ginástico Unicamp". In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (orgs.). *Coletânea: Textos e sínteses do I e II do Encontros de Ginástica Geral*. Campinas, Gráfica Central da Unicamp, 1997, pp. 25-32.
- LANGLADE, Alberto e LANGLADE, Nelly Rey de. *Teoría general de la gimnasia*. Buenos Aires, Stadium, 1970.
- MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima Nisis. *Formacion humana y capacitacion*. Santiago, Dolmen, 1995.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de. "Ginástica geral: Uma área do conhecimento da educação física". Tese de doutorado. Campinas, FEF-Unicamp, 1997.
- SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez. "Ginástica geral: Duas visões de um fenômeno". In: AYOUB, Eliana; SOUZA, Elizabeth Paoliello Machado de e GALLARDO, Jorge Sergio Pérez (orgs.). *Coletânea: Textos e sínteses do I e II do Encontros de Ginástica Geral*. Campinas, Gráfica Central-Unicamp, 1997, pp. 33-36.



Em 1999, durante a 11ª Gymnaestrada Mundial em Goteborg (Suécia), a proposta do GGU foi novamente apresentada pela professora Elizabeth no “Fórum Educacional”.



No ano de 2003, o professor Jorge deixa a coordenação, mas permanece na FEF-Unicamp dando todo apoio ao grupo e oferecendo sua experiência e seu conhecimento em muitos momentos.



Nesse mesmo ano, a professora Elizabeth aposentou-se, permanecendo por mais três anos como professora colaboradora voluntária da FEF-Unicamp e ainda na coordenação do GGU, celebrando 17 anos de dedicação ao grupo.

Em 2005, a professora Eliana de Toledo, ex-integrante do GGU, é convidada a compartilhar a coordenação. Com larga experiência na ginástica, declarada paixão pelo grupo e intensa vivência de seus princípios por 16 anos, Eliana assume integralmente os treinos, apoiada por Elizabeth.

Por influência da coordenadora Eliana de Toledo, nos anos de 2005 e 2006, intensificaram-se alguns aspectos da proposta do GGU, começando por melhor capacitar seus membros acerca dela, por meio da criação de uma comissão científica, que veio se juntar às que já existiam.



Em relação a isso, ressaltamos que uma das formas de organização do GGU, em prol das atividades gerais do grupo, tem sido, desde seu início, a criação de comissões responsáveis por assuntos de interesse comum, como, por exemplo, patrocínio, comunicação, figurino, eventos, músicas, socialização, financeira, materiais, arquivo, entre outras. Essas comissões têm um papel fundamental para o desenvolvimento das atividades do grupo.

Nesse momento, criou-se então a comissão científica que organizou uma coletânea de textos básicos, a fim de aproximar as concepções que sustentam a proposta do grupo das experiências dos encontros. Investiu-se, igualmente, na afinação das relações do GGU com o Grupo de Pesquisa em Ginástica, assim como na ampliação da visibilidade digital do grupo, por meio de um *site* mais arrojado (www.ggu.com.br) e com maiores informações para professores, técnicos, graduandos e demais interessados.

A relação entre a GG e a arte foi igualmente intensificada por meio da proposição de oficinas com convidados para ministrar diferentes estilos de dança, técnicas de expressão corporal e improvisação, técnicas cênicas, dentre outras. A preparação corporal dos integrantes também contou com um curso de pilates, na época um movimento de vanguarda da ginástica no Brasil. No que diz

respeito às relações humanas, atividades e outras formas de socialização, dentro e fora dos encontros, foram mais ofertadas e incentivadas.

No que concerne aos pressupostos teóricos da proposta do GGU, esses foram influenciados pelas obras de Paulo Freire, com destaque para *Pedagogia da autonomia* (Freire, 1996) e *Conscientização* (Freire, 1980), encadeando maior diversidade de estratégias de ensino-aprendizado e fortalecendo a construção mais autônoma e dialógica das relações humanas e da metodologia que orienta a proposta do GGU. Exemplos evidentes dessa influência “freireana” estiveram presentes ao abrir-se o espectro de participação dos integrantes em decisões, nos diálogos estabelecidos em encontros e viagens, na maior responsabilidade e autonomia para a atuação nas comissões etc. Outro exemplo importante refere-se à escolha por enfatizar os processos de composição coreográfica a partir de temas, uma estratégia já utilizada no grupo (como, por exemplo, na composição coreográfica *Amazônia*), adensando-a com base na concepção educacional de Paulo Freire, a partir de um paralelo entre o processo metodológico de alfabetização de adultos e o processo de construção coreográfica. Para Freire (1980, pp. 25-26), “[...] a conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Essa unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens”.



Como mencionado anteriormente, três anos depois de sua aposentadoria, em 2006, a professora Elizabeth deixa a coordenação do GGU, transferindo essa responsabilidade para o ex-membro do GGU e novo docente da FEF-Unicamp na área da ginástica, o professor Marco Antonio Coelho Bortoleto, que passa a compartilhar a coordenação com a professora Eliana.



Foto: Antonio Scarpinetti

Esses coordenadores permanecem juntos até dezembro de 2006, quando deixa o cargo a professora Eliana e é convidada a compor a coordenação a professora Larissa Graner Silva Pinto, a qual permanece até a presente data, ao lado do professor Marco.



Novamente, a experiência de ambos como ex-integrantes do GGU por um extenso período — e, no caso de Larissa, como professora de educação física do ensino fundamental I da rede municipal de Vinhedo (SP) —, seu reconhecimento acerca dos valores da proposta do GGU e seu amor pelo grupo contribuíram para a continuidade do trabalho e o estabelecimento de novas metas e desafios.





O GGU NA ATUALIDADE: CONSOLIDANDO E RESSIGNIFICANDO PRINCÍPIOS

Tendo conhecido e vivido parte da grandeza do que foi construído durante 17 anos, dar continuidade ao trabalho do GGU foi e tem sido uma grande responsabilidade para essa última dupla de coordenadores.

A consciência da importância de manter a coerência com tudo o que foi construído gerou o constante retorno aos textos que fundamentam a proposta pedagógica de ginástica geral do GGU, a

qual foi enriquecida pela influência de outros autores, como Pierre Parlebas, Lev Semenovitch Vygotsky, Mikhail Bakhtin, entre outros. De algum modo, buscamos compreendê-la e, assim, projetá-la nos encontros, nos processos de criação, nos ensaios, nas apresentações, nas viagens, nos eventos sociais, nas tarefas realizadas, nas discussões que ocorrem em todos esses contextos de maneira programada ou espontânea.



Influenciados por um dos pontos da proposta que mais têm inspirado o trabalho do grupo cotidianamente, compreendemos que sua prática deve potencializar as interações entre as pessoas dentro de um grupo nas quais os princípios relacionados à formação humana e à capacitação podem ser trabalhados.

Ao defendermos que a interação humana é o eixo da proposta, na prática cotidiana, buscamos como estratégia estender as decisões do grupo para além dos gestos realizados nas elaborações coreográficas. Os materiais, o tema, a música, o figurino, o número de participantes de uma composição a ser realizada, o uniforme do grupo passam, sempre que possível, por discussões que envolvem todos, mediadas pelos coordenadores. Além disso, busca-se estender na medida do possível essas decisões do grupo às decisões sobre as propostas das práticas corporais realizadas durante os encontros, às decisões sobre as estratégias utilizadas nos ensaios para melhorar a qualidade das apresentações, às decisões sobre as apresentações e viagens realizadas estabelecendo responsabilidades específicas, às decisões sobre os eventos para arrecadação de fundos para o gru-

po e também às decisões sobre diversos projetos elaborados.

Nessas discussões e decisões, não há um estabelecimento de regras rígidas e fixas, mas sim a elaboração de um conjunto de normas temporárias que, a cada renovação do grupo, a cada surgimento de um problema, são debatidas e modificadas. De modo similar, não há uma divisão de trabalho estável entre os integrantes. Cada semestre possui um movimento, um conjunto de acontecimentos que solicitam mais trabalho em uma tarefa do que em outra. O grupo é incentivado para que assuma essas tarefas e, da parte dos coordenadores, espera-se que os integrantes assumam as responsabilidades por elas em cada acontecimento e que seus parceiros possam ajudá-los.



Muitas das estratégias estabelecidas a partir do destaque dado à interação humana surgiram no GGU há muito tempo e puderam ser vivenciadas pelos próprios coordenadores quando de sua participação como integrantes do grupo. O que se busca na atualidade é inspiração em algumas dessas práticas para o desenvolvimento de outras.



Organização de Transporte de Materiais.

Balde Grande Placa 1 - Tabata Placa 2 - Mari Placa 3 - Helen Placa 4 - Murilo Placa 5 - Akira Placa 6 - Eric Baum. Balde Grande. Bolinhas e Sinos André. Balde J. Balde 2 Romma. Balde 3-4 - Murilo. Balde 5 - Débora	CAMO (Pequeno) CAMO Grande (Verde) Leo CAMO Grande (Amarelo) Eric Ponte de Baixo: Anali L. Paracaidas Velhos: Gabi Paracaidas Novos Ana Lu Piabas: Dani Roupos Resumos: LARI. Sinos: Annelis. CAMO Grande: A lam.
---	--



Tendo em vista potencializar a interação humana como um dos principais pontos da proposta abordados na atualidade, elaboramos a seguinte síntese:

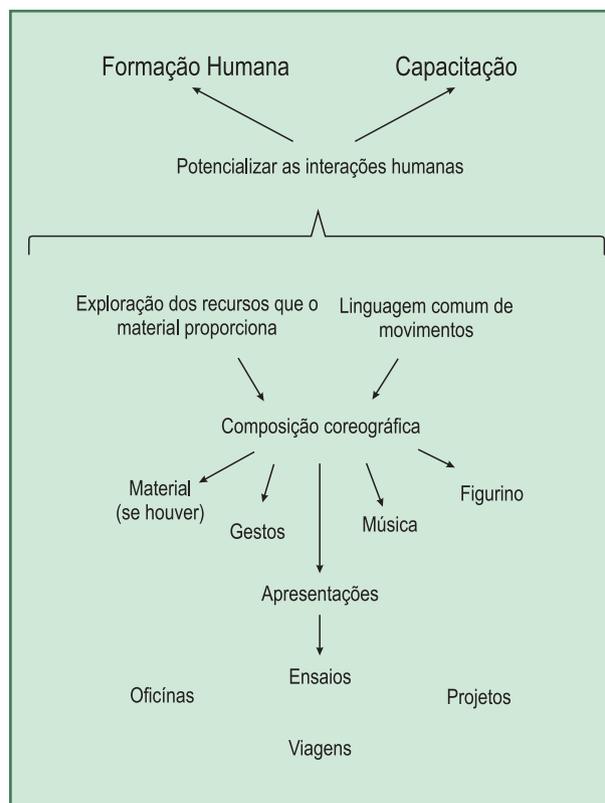


Figura 2. Síntese da proposta do GGU 2014

A metodologia da proposta de GG exposta na proposição original do grupo é dividida em duas partes, sendo uma a *interação social e linguagem comum de movimentos* e a outra a *exploração dos recursos que o material proporciona*. Ao notarmos que a *interação social* aparece apenas na primeira parte, nessa nova síntese, colocamo-la como grande eixo que guia as duas partes: o desenvolvimento da linguagem comum de movimentos e a exploração dos recursos que o material proporciona. Essas duas partes acabam constituindo direta ou indiretamente a composição coreográfica do grupo,

e, aquela, todas as outras partes. Trata-se de outro modo de dizer algo que já foi dito e vivido. Outras reflexões relacionadas a essa proposta surgem a cada dia a partir da prática do GGU, e sua sistematização está em constante processo de elaboração.

Nesse sentido, a transformação do olhar sobre a proposta e sua prática é contínua. O que se espera é que esta caminhe tendo sempre em vista o ser humano e sua vida em grupo.

Sabemos que, ao assumirem esse compromisso, os processos realizados no grupo tornam-se extensos e tensos. Porém, acreditamos que ensinam a cada integrante que deles toma parte a dimensão ética das relações humanas.

Nesse caminho, temos dado continuidade ao trabalho realizado, ensinando, aprendendo, realizando apresentações e oficinas em diversos locais, elaborando composições coreográficas, como “Yin Yang”, “Caixa de Brinquedos”, “Gotas”, realizando viagens internacionais e, conseqüentemente, dando continuidade aos intercâmbios estabelecidos. Constatamos com alegria o interesse dos integrantes pelo aprofundamento do estudo da ginástica, levando a proposta para seus contextos de trabalho.

Seguimos em frente com grandes projetos e sonhos, tanto para o presente quanto para o futuro, com a certeza de que serão realizados por todos, juntos.



A experiência vivida é algo que não se esquece, não se duvida, não se controla mais sua eternidade.

As viagens e possibilidades com o GGU foram, de tamanha e vasta intensidade, marcantes na vida.

Não seria isto mesmo aquilo que todo bom encontro desejaria: permanecer para sempre? Os estilhaços dos tempos de GGU seguem e seguirão sempre, ricocheteando, manchando.

É a realidade para aqueles que, depois do arrebatamento, não irão embora junto com a lona do circo.

Mas o serão. Simplesmente.

Conrado Augusto Gandara Federici, GGU

Independentemente do perfil da coordenação e de seus membros, acreditamos que esses princípios são consistentes o suficiente para fundamentar a proposta do GGU. Mostram que a base dessa proposta está consolidada, mas que é dinâmica, em constante transformação, em sintonia com seu tempo e com a experiência de seus integrantes. É,

ao mesmo tempo, porosa, permeável, porque permite a seus partícipes influências recíprocas em direção a um ideal comum por meio da ginástica. A vivência reforça os princípios e, ao mesmo tempo, ressignifica-os.

Todas essas transformações foram continuamente acompanhadas pela professora Elizabeth, que permanece próxima ao GGU até hoje, como um elo entre o passado e o presente, como uma inspiração para o presente e para o futuro, compartilhando ininterruptamente seus conhecimentos, experiências e abrindo sempre novas possibilidades. Sua presença marcante e amorosa tem fortalecido o GGU durante todos estes anos.

Tão importantes quanto os aspectos aqui levantados sobre a história do GGU são as amizades, os laços que foram construídos ao longo de tantos anos, por diversas gerações, fazendo de cada um e de todos “GGÚnicos”, especiais, singulares e parte de uma grande família chamada GGU.



